

HISTÓRIA E NARRATIVA

Néri de Barros Almeida

Quando utilizamos a palavra “história”, fazemos referência a um tipo de narrativa memorialística surgida no século V antes de Cristo. Embora essa frase possa merecer discussão, ela é verdadeira na medida em que a tradição textual escrita seguida pelos historiadores até o momento tem essa genealogia. Com a necessidade de se atribuir um estatuto científico à história no século XIX, o método, a polêmica e a argumentação comprobatória passaram a prevalecer sobre a narratividade nesses textos.

Antes do surgimento do historiador profissional, a história tinha basicamente duas funções. Uma delas particular voltada para a instrução e o deleite do leitor (ou ouvinte), e outra pública ligada à defesa de um ponto de vista a respeito do poder e da política julgado de interesse coletivo - segundo extensões variadas que poderiam ir de determinadas elites ao conjunto hipotético dos cristãos. Essa história não reivindicava o estatuto de neutralidade. Pelo contrário, se afirmava uma verdade associada a um autor que apresentava, no início do texto, o fundamento de sua autoridade para o exercício de uma atividade pública pretenciosa.

O texto de história precisava trazer as informações sobre os vínculos que lhe davam legitimidade coletiva (patronos ou supostos demandantes do texto). Mas ao mesmo tempo - como documento de memória coletiva e obra de erudição - podia atuar de forma autônoma como fonte de autoridade e prestígio para o historiador. É possível, portanto, pensar que muitas vezes esses textos tenham vindo à luz por iniciativa de seus autores e não a pedido de terceiros e que a anuência mencionada por eles tenha sido buscada retrospectivamente.

Esse ponto de vista é que ele permite ver o autor dotado de iniciativa pessoal. Ele sugere que os textos além das funções acima mencionadas, podem ser explicado por uma dimensão pessoal que não se restringe à formação do autor, às coisas que leu, às suas relações sociais e intelectuais e aos fatos de sua vida, mas à importância que a escrita do texto tinha como um fato *em* sua vida. Isso pode ser observado em dois historiadores (entenda-se autores de textos do gênero “história”) nascidos no século VI: o bispo galo-romano Gregório de Tours (538-594) que escreveu os célebres *Decem libri historiarum* e o clérigo visigodo João de Bicláro (540-621) autor da *Crônica*.

Gregório de Tours deixou uma obra relativamente vasta e diversificada que escreveu na condição de bispo e que o tornou célebre. Algo diferente acontece com seu contemporâneo João de Bicláro a respeito do qual sabemos muito pouco além de uma breve nota deixada por Isidoro de Sevilha, sendo a *Crônica* o único texto de sua autoria que chegou até nós. Sem uma posição proeminente, seu destino permanece desconhecido.

Ao olharmos para Gregório e João do ponto de vista de suas biografias, ou seja, da compreensão de quem foram em sua dimensão singular, considerando ao lado de seus sucessos, suas trajetórias, podemos entender um pouco melhor sua opção pela escrita histórica e a função que lhe atribuíram.

Curiosamente, os dados apontam para uma preponderância da dimensão geográfica em suas vidas. As existências do galo-romano e do godo estavam envolvidas com relações que exigiam deslocamentos consideráveis e que, no caso de João, atestam duplo desenraizamento: em relação a sua terra natal na Luzitânia em direção a Bizâncio onde passou boa parte de sua vida adulta, e daí em direção à Hispânia onde viveu seus últimos anos boa parte das quais em um exílio ao longo do qual se viu empurrado do sul ao norte da Hispânia. No caso de João, podemos pensar as marcas que essas mudanças lhe produziram. Gregório de Tours, por sua vez, parece menos seguro e grandioso ao reproduzir os itinerários de exibição regional necessária de sua família ou ao desenvolver segundas estratégias frustradas para atingir uma sé episcopal.

ALMEIDA, Néri de Barros. História e Narrativa. *História e Narrativa*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

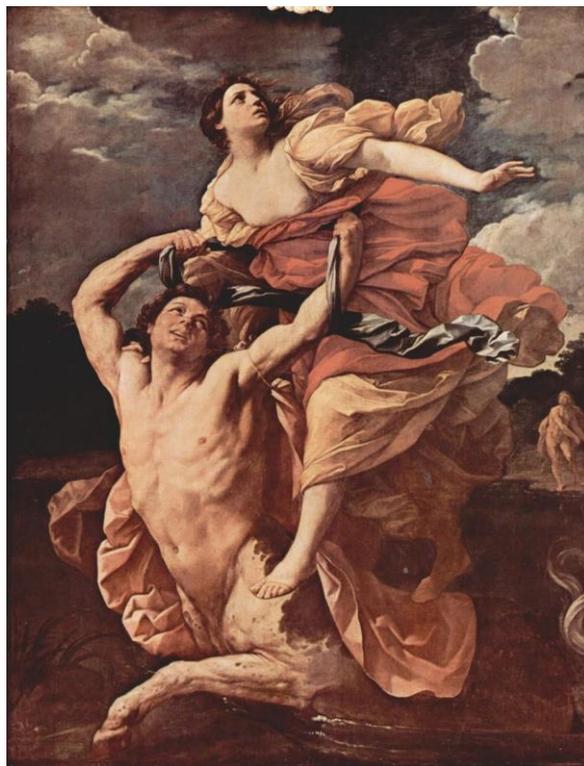
<https://sacralidadesmedievais.com/>



Escrever histórias – o que Gregório começou a fazer após tornar-se bispo - parece ter sido uma necessidade para que o prestígio de uma família, que lutava bravamente por sua posição, tivesse continuidade. Gregório é, como pessoa, o resultado não do sucesso, mas da obrigação individual de deter o fracasso. Pode ser que Gregório escreva por piedade, mas ele escreve também pensando em seu lugar em uma família e em suas obrigações individuais em relação a ela. Cabe-lhe mostrar sua pertinência aos novos tempos e ele usa todos os instrumentos de que dispõe para realizar adequadamente sua obrigação.

A trajetória de João, mostra que mesmo antes da escrita da *Crônica* ele já estava envolvido com a conspiração que levou à conversão dos visigodos à fé católica. Estaria ele também constrangido por imperativos familiares? Difícil dizer. Depois da conversão do reino João recebeu uma posição eclesiástica em que, provavelmente, se manteve até o final de sua vida. O que hoje parece incerto, em seu tempo poderia parecer cristalino e João pode ter escrito a crônica justamente para evocar sua participação no grande evento – lembremos que Isidoro de Sevilha (560-636) deu a ele um lugar entre os homens ilustres. João escreve não apenas para se proteger em uma vulnerável posição coadjuvante, mas também para receber a parte que lhe cabia de sua participação naquilo que chamamos de “processo histórico”.

Devido a sua amplitude e dimensão coletiva, o texto de história pode ter vida própria depois de escrito, independentemente de seu autor. No entanto, um autor pode ter se vinculado intimamente a um texto para sempre, pensando torná-lo um marco pessoal. E mesmo que sua vida se realize sobre o traçado social, os sentimentos em que vibram as palavras, são do autor singular.



Para saber mais:

ALMEIDA, Néri de Barros e SILVA, Thiago Juarez da. “Gregório de Tours. Uma vida na floresta de espelhos da escrita”, em REDE, Marcelo (org.) *Vidas antigas*. Ensaios biográficos da antiguidade. São Paulo: Intermeios, 2019, vol. I, p.67-85.

ALMEIDA, Néri de Barros e DELLA TORRE, Robson. “João de Bicláro. Conspiração sob o anonimato da narrativa histórica”, em REDE, Marcelo (org.) *Vidas antigas*. Ensaios biográficos da antiguidade. São Paulo: Intermeios, 2020, vol. II, p.233-259.

ALMEIDA, Néri de Barros. História e Narrativa. *História e Narrativa*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>